

Na cidade dos quadradinhos

Os cobogós fazem parte do imaginário brasileiro desde as primeiras superquadras. Através deles, Solange Madeira admira a cidade e defende com fervor o projeto modelo de moradia humanizada

» LARISSA LEITE

Daniel Ferreira/CB/D.A Press

Em cerâmica, argila, vidro e até mármore, ele transbordou a referência da funcionalidade e conquistou status de “tendência” em projetos, exposições e publicações de arquitetura e moda. O cobogó, que foi concebido em concreto com o objetivo de permitir a passagem de luz e ventilação entre ambientes, recebe agora um novo olhar. E o combustível dessa transformação é Brasília. Na capital federal, o cobogó não está presente pelo acaso de uma escolha particular, em uma construção ou outra. Ele já veio nas pranchetas do arquiteto Oscar Niemeyer e do urbanista Lucio Costa e pode ser observado em edificações espalhadas por toda a cidade — dos primeiros prédios residenciais à Biblioteca Nacional de Brasília, inaugurada em 2006.

Vistas do lado de fora, as fachadas dos prédios residenciais da 308 Sul revelam a tradição dos elementos vazados na capital. Os cobogós não estão apenas em parte delas, mas em toda a extensão, formando imensas paredes perfuradas. No lado de dentro, elas fazem um jogo de luz e sombra na cozinha e na área de serviço dos apartamentos. Iluminam e ventilam os espaços, o que é muito bem aproveitado na preparação dos alimentos e na secagem de roupas, por exemplo. E o valor simbólico dos cobogós não é percebido apenas pelos estudiosos do tema. “Você olha e vê Brasília nos quadradinhos. A Brasília dos anos da fundação, como patrimônio. É um marco da cidade”, afirma Solange Madeira, moradora do bloco G da 308 Sul.

“Eu gosto principalmente pelo valor histórico, faço questão de manter tudo original por causa da preservação. Mas agora está na moda. Quería que virasse moda conservar tudo o que é nosso patrimônio”

Atrás dos cobogós do apartamento da ex-prefeita de quadra, estão imensas árvores, incluindo um ipê que enche a paisagem de rosa durante a primavera. São nos dias de ipê florido e nos dias de chuva que ela mais curte a vista do terceiro andar. A princípio, no entanto, a chuva exigiu providências: “Quando chovia e ventava, molhava tudo. Colocamos janelas de vidro na parte de cima da fachada para evitar a água e telas na parte de baixo para evitar a entrada de pombos”. Apesar

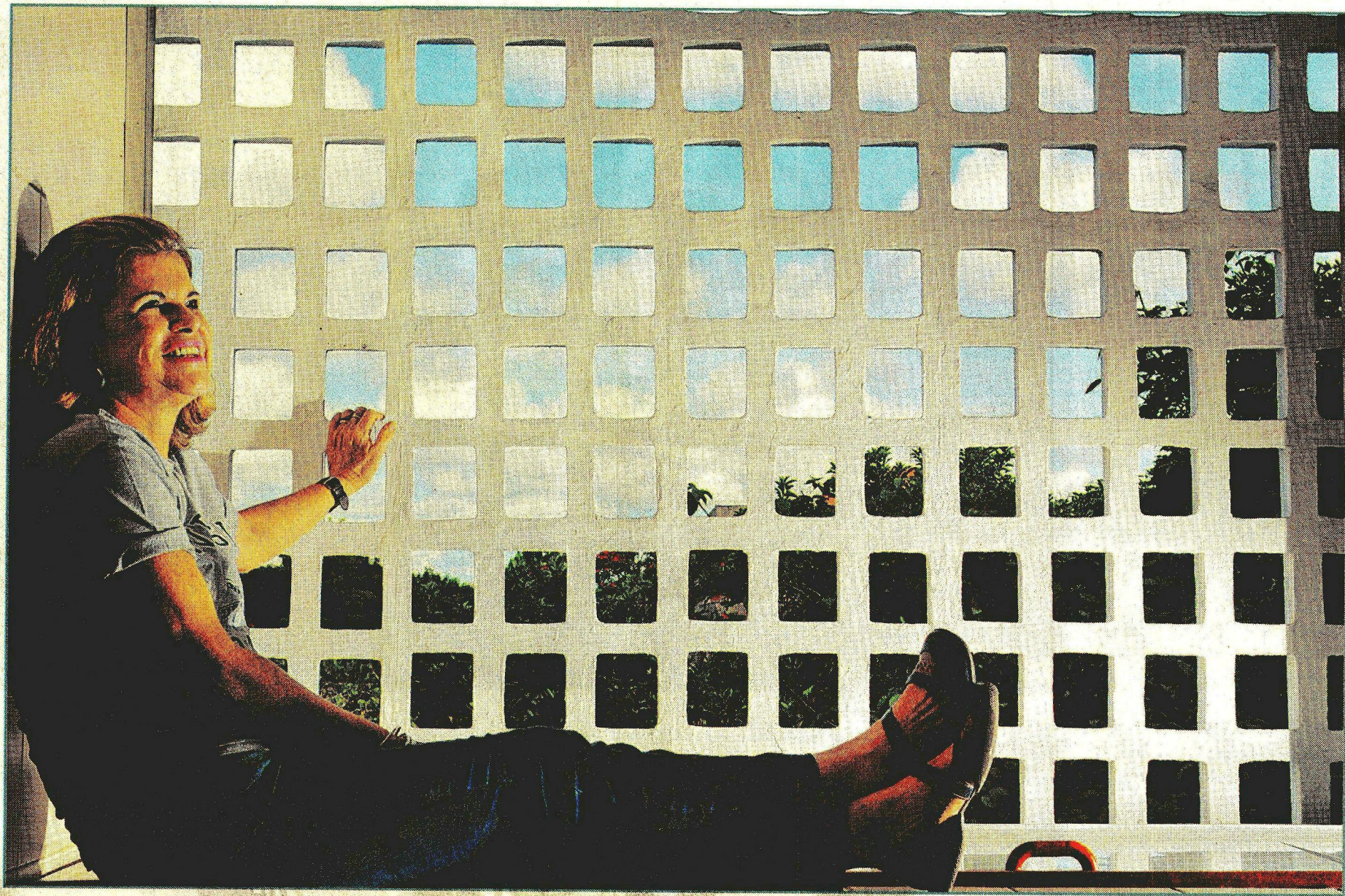
dos cuidados que exige, Solange reforça os benefícios da parede vazada. “É muito bem bolado porque evita o calor dentro de casa. Eu também gosto da estética, da luz.... Precisamos disso em uma cozinha”, defende.

Depois de citar as vantagens práticas do cobogó — chamado de combogó em Pernambuco, onde o tijolinho foi inventado e patenteado em 1929 —, Solange faz uma provocação aos brasileiros: “Gosto principalmente pelo valor histórico, faço

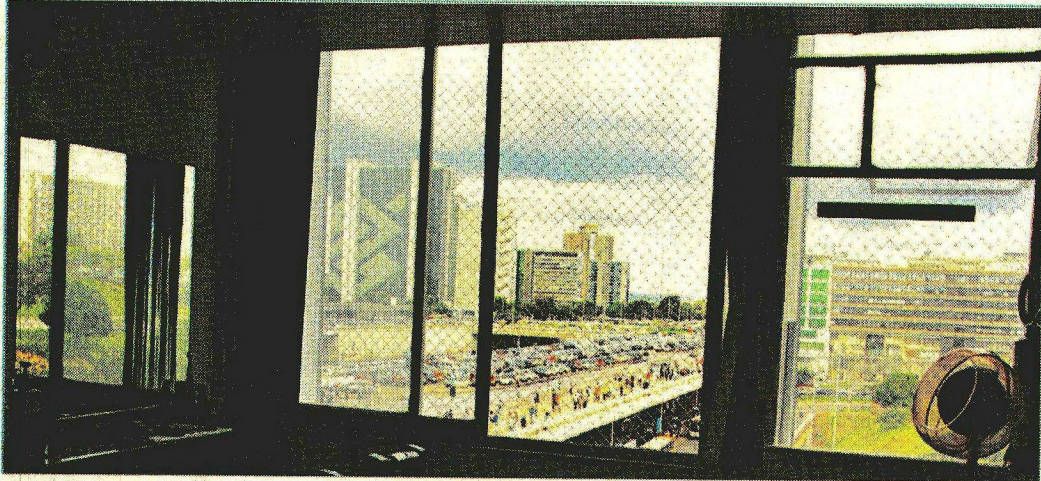
questão de manter tudo original por causa da preservação. Mas agora está na moda. Quería que virasse moda conservar tudo o que é nosso patrimônio”. Ao defender a conservação, ela retoma o lado de porta-voz da comunidade. A 308 Sul é a superquadra modelo do Plano Piloto. O local se tornou uma referência por integrar espaços bem definidos e uma infraestrutura básica de atendimento aos moradores (clube, posto de saúde, biblioteca pública, igreja, cinema e posto policial).

Além disso, o projeto paisagístico original é de Burle Marx.

Em abril de 2009, o governo local decretou o tombamento do conjunto urbanístico, arquitetônico e paisagístico da Unidade de Vizinhança formada pelas superquadras 107, 108, 307 e 308 da Asa Sul. Para Solange, no entanto, não basta o reconhecimento histórico — investimento é indispensável. “O governo precisa ter a noção de que se respira a história de Brasília nesta quadra. E a juventude precisa conhecê-la.”



Fotos: Carlos Silva/CB/D.A Press



JANELA DO CONJUNTO NACIONAL

No Manhattan, salão de beleza que Luciné Moreira de Carvalho, 40 anos, gerencia há oito anos, é um abre e fecha de janela. Na maioria das vezes, o motivo é o ruído do trânsito, “que não deixa a gente ver televisão ou até conversar”. Outras, a necessidade de evitar a entrada do vento para não comprometer o penteado. Localizado no terceiro andar do Conjunto Nacional de Brasília, o Manhattan tem uma vista que alcança a passarela da Rodoviária do Plano Piloto, o Conic, o Setor Bancário Sul, o Setor Hoteleiro Sul, e um formigueiro de gente que entra e sai desses lugares. Para ir da banalidade do cotidiano de um salão à adrenalina do centro nervoso de Brasília, basta abrir a janela.

Há quinze anos, ela trabalha em salões do



Conjunto, o primeiro shopping center de Brasília e o segundo do Brasil, inaugurado em 1971. Da janela, ela aprendeu a ver até o que não gostaria, como acidentes, especialmente com ônibus que saem da Rodoviária, e atropelamentos. O livre consumo de drogas na redondeza também deixa Luciné intrigada. Apesar de tudo, garante, as coisas estão melhores, inclusive a infraestrutura do local. “A vista está mais poluída ao mesmo tempo em que estão arrumando a fachada do Conic. São as nossas realidades. Eu gosto do que vejo e não gostaria de trabalhar em outro lugar.”

JANELA DO CONIC

Os períodos em que não há outdoors cobrindo de ponta a ponta a fachada do Conic são festejados pela secretária Fabíola Cavalcanti Costa, 21 anos. Do quarto andar, as aberturas da empena permitem ver trechos da Esplanada dos Ministérios e do Congresso Nacional, assim como o movimento de carros e ônibus vindos da parte sul do Plano Piloto. Ainda que recortada, a paisagem cativou a jovem, moradora de Ceilândia. Foi simpatia à primeira vista — o que ocorreu há três meses. “Na entrevista de emprego, já reparei. É muito

bonito.” Afeita a fotos, ela registra tudo na câmera do celular.

Trabalhar no coração da cidade tem suas peculiaridades. Do escritório, Fabíola já acompanhou diversas manifestações realizadas na Esplanada, ouvindo reivindicações a distância. “Dá para escutar muito bem. Às vezes, até fecho a janela, porque incomoda.” Suas espiadas mais indiscretas, no entanto, tinham algo de brincadeira infantil. Ela confessa que ficava de olho nos pedestres assustados, que levavam um banho quando os carros passavam sobre as poças d’água. Ria sem pudor, mas hoje se arrepende. “Quando aconteceu comigo, fiquei com uma raiva!”

